



### A COZINHA GALEGA E DUMAS

Entre as páginas que compoñem o 'Grand dictionnaire de Cuisine' de Dumas, publicado em 1873, há uns parágrafos dedicados à gastronomia galega. Através dum comparativismo gastronómico, Dumas estabelece umha sorte de 'isoglossas culturais'.

### CRIAÇOM

Nito Neira trabalha num centro residencial da terceira idade perto da cidade de Lugo. Mora com o seu gato Selim no seu piso da cidade das muralhas, onde a humidade traz consigo umha existência complicada. Nos dias de férias e nos momentos de descanso, escreve relatos fantásticos. Nesta ocasiom, oferece-nos a primeira parte da história dumha estudante que padece umha fadiga insuportável enquanto prepara um exame. Um acontecimento inesperado muda o rumo das cousas.

### CINEMA

Xurxo González comenta a fita Jet Lag, de Eloy D. Serén. O filme, que explora as contingências que envolvem o trabalho dum empregado dumha estaçom de serviço, representa "a cristalizaçom suma de como o azar da rodagem pode reconduzir um projeto".

## A cozinha galega através de Dumas

**C.C.V.** / Entre as páginas do monumental Grand Dictionnaire de Cuisine de Alexandre Dumas, publicado em 1873, contam-se uns suculentos parágrafos dedicados à Galiza. Através duma espécie de comparativismo gastronómico Dumas, com a precisão dum linguista, traça isoglossas culturais, territórios de identidade alimentar que abandeira com os seus ingredientes representativos: "Na França fazem-se os recheios com trufas, em Castilha com azeitonas, na Galiza com castanhas e na Catalunha com ameijas". Polo seu evidente interesse histórico e etnográfico, traduzimos aqui o percurso de Dumas pola divisória das terras do caldo e o pucheiro, o peixe fresco e o salgado.

### Caldo versus pucheiro

"Em Espanha não há mais do que um prato para todo o mundo, este prato é o "pucheiro" (...). Na Galiza, no entanto, não é o pucheiro o que se oferece ao viageiro, senão o "caldo". Em vez do chocolate espesso que se toma nas duas Castelas, nesta região toma-se o chocolate claro, embora toda a diferença estriba em que a cunca é mais grande na Galiza e contém um chocolate mais ligeiro.

Se teis a desdita de atravessar a

Dumas, com a precisão dum linguista, traça isoglossas culturais, territórios de identidade alimentar que abandeira com os seus ingredientes representativos

Galiza como eu o fiz, estai prevenidos contra uma surpresa. Dentro do pátio do hotel onde vos apeais da diligência, ou na estaçom de comboios, ainda que duvido que haja comboios na Galiza, encontrareis como em toda a parte falabardos que vos invitarão a ir ao seu hotel; informai-vos bem, ou acabareis em alguma atroz "pousada" que eles chamam "casa de huéspedes" [em castelhano no original francês]. Nela não encontrareis o chocolate potável, nem o caldo comível, nem o leite confortável. Polo contrário, se seguís o empregado dum hotel que vos fora recomendado de antemão, não comereis na Galiza nem melhor nem pior do que noutras partes de Espanha. (...)

Se na Galiza teis a sorte de cair num bom hotel, servirá-se-vos ante todo o caldo, espessa sopa que



se compõe num grande pucheiro de água no qual se prepararam a couve, as patacas, os nabos, e onde se botaram as favas. O cozinheiro agregará para dar-lhe gosto ao fervido, um quarto de porco fresco e um quarto de porco ranço. Se quereis fazer o caldo não deveis confundir o porco ranço com o porco salgado, pois quanto mais ranço é o porco melhor parece aos galegos.

### Condimentação abominável

Depois servir-vos-ão alguns pratos de carne ou de peixe, segundo vos dirão, à francesa ou à italiana.

O peixe, as aves ou a caça serão excelentes, mas a sua condimentação será abominável. As aves, a falta de assador, comem-se fritas na tijola ou assadas na çaçola, e o

mesmo sucede com a caça, pois em Espanha o assador apenas se conhece como substantivo, está em todos os dicionários, mas não se encontra em nenhuma cozinha.

Isto é uma desgraça pois a caça é muito abundante, de excelente qualidade e encontra-se em todos os mercados.

Uma lebre custa de quinze a vinte "sous", embora ninguém a come por crer que fura na terra, evidentemente para desenterrar os mortos.

A perdiz, a excelente perdiz vermelha, custa de oito a dez "sous", na Galiza. Aliás, é onde se come melhor peixe. No centro de Espanha, é dizer em Castela, antes do caminho-de-ferro era impossível comer peixe fresco, que tardava quatro dias em chegar,

polo que apenas se consumia salgado ou podre. (...).

Em quanto ao peixe fresco que se come na Galiza, é particularmente o abadejo, a anguía, quer de mar, quer de rio, a lampreia, e enfim, o polvo que é a comida dos pobres.

Com relação aos mariscos, existem criadouros em que se reproduzem e se encontram neles ostras, como nos lagos de Nápoles, mais grassas e desalgadas do que no mar. Os mariscos ordinários são como as amêijoas marselhesas, e vendem-se a dous "sous" o cento. A Galiza é o único país no que se preparam ostras em escabeche que se exportam em pequenos barris a toda a Europa. Santiago, situado a légua e média da costa, é o bastante aireado para perder a sua pesadez alimentícia e neste ponto alcança o seu melhor sabor".

Dumas continua elogiando as truitas do lago de Seabra e ainda, ao falar das empadas em Castela, recordará que "na Galiza, as empadas preparam-se com pescado em lugar de fazer-se com carne".

Finalmente, sinala, "é na Galiza onde se comem os mais formosos morangos e os mais grandes. Em Madrid somentes se lhes pode fazer competência com o morango de Aranjuez, uma escudilha da qual é suficiente para perfumar um paço".



## EM TEMPOS



# Uma carta geométrica contra o caciquismo

Oscar Valadares

No século XIX, poucas pessoas conseguiam fugir ao atraso e às consequências práticas do status colonial da Galiza, naquela altura mais periférica do que nunca, enquanto a fenda industrial e do proclamado “progresso” se alargava de maneira gritante em relação a outras nações do Estado e ao seu centro. Uma dessas pessoas foi Domingos Fontán, matemático e depois topógrafo que durante dezassete anos teceu a primeira rede geodésica do país, com centro na torre compostelá da Berenguela e com referência para a altura na ria de Muros e Noia; e elaborou, a partir dela, a sua famosa *Carta geométrica da Galiza*, o mais completo mapa do país até a altura e durante quase um século depois.

Realizado lentamente entre 1817 e 1834, mas editado apenas em 1845 em Paris, aquele mapa não só se adiantou ao seu tempo pela técnica de triangulação em-

pregada para medir as distâncias, até entom apenas usada na cartografia marítima, ou pela escala — 1:100.000 — que anos mais tarde se havia tomado como referência nos países centrais da Europa. Constituiu ainda, e de modo muito mais importante, uma das apostas mais claras pela auto-referencialidade da Galiza. A ele figura Castela umha anotação lateral no seu *Sempre em Galiza*: “para uns a Terra é um pequeno berço no que nascêrom [...] Para outros, a terra é tam grande que só conseguem vê-la no mapa de Fontán”.

A pé ou de cavalo, carregado com o instrumental que devia importar da França, Fontán percorreu todos os cantos do país, medindo e transferindo para o papel a geografia física do país, a localização de mais de quatro mil igrejas e capelas que eram entom — e em grande parte ainda hoje mesmo — pontos georreferenciais básicos na Galiza, e os caminhos, com um nível de detalhe não ultrapassado até à chegada da cartografia por satélite. E fez isso tu-

**Domingos Fontán era mais do que um matemático que teimava em medir o país: era um reformista. Filiado ao Partido Liberal que entom congregava parte do proto-galeguismo, teve oportunidade de comprovar em carne própria o atraso da Galiza**

do só, pela sua conta, sem qualquer ajuda da coroa ou das deputações, até que em 1830 recebeu financiamento público para se dedicar inteiramente àquele projeto topográfico, abandonando as aulas de matemáticas que dava na universidade de Compostela.

Como e por quê alguém começaria uma tarefa desse tamanho é algo que estranha hoje, na nossa época de desleixo e parcerias publico-privadas. Mas o contexto era certa-

mente outro. Enquanto Fontán realizava o seu mapa, percorria os canais da ilustração europeia uma espécie de “febre de Humboldt” — como a chamou Méndez Ferrim — inspirada na vida de Alexander von Humboldt que chegava a toda a parte através de relatos, artigos de imprensa e romances baseados nas suas viagens por todo o mundo, particularmente na América central e do sul, que cartografou ao detalhe pela primeira vez. Aquela ânsia medidora de Humboldt e de Fontán, e de muitos outros ilustrados da época como o também matemático galego José Rodríguez, que trabalhara como topógrafo para a marinha britânica e como astrónomo para o czarado russo, não era outra coisa que um produto daquele positivismo social que pretendia entender — e reformar — o mundo mediante a compreensão das suas dimensões.

Com efeito, Domingos Fontán era mais do que um matemático que teimava em medir o país: era um reformista. Filiado ao Partido Liberal que já entom congregava

aquela parte do proto-galeguismo que ligava com as proclamas de Carral de 1846, e polo que chegaria a ser deputado entre 1836 e 1843, no período mais retrógrado de Fernando VII, teve oportunidade de comprovar na própria pele o atraso e a subalternidade da Galiza. Fartou-se de denunciar em Madrid a penosa situação das infraestruturas galegas e as redes caciquis e de dependência, e chegou a afirmar que se a coroa espanhola se importava com algo assim como o mapa que ele concluíra apenas dois anos antes de ser eleito deputado, era para meter a sua artilharia pelos caminhos.

Hoje, a carta geométrica de Fontán, da que chegou a haver um original entre os tesouros de Outeiro Pedraio em Trasalva e que aparece citada no *Arredor de si*, expom-se no IES Lucus Augusti de Lugo após passar oitenta anos extraviada num armazém da deputação de Lugo e ser redescoberta e restaurada. Domingos Fontán, no entanto, permanece alheado da memória colectiva, retratando-nos a nós.



## A FOTO

"O nosso trabalho pretende sair da lógica política da representação e concorrência, entendemos que isso não serve para contruir uma organização revolucionária, e muito menos para um país livre. É difícil fugir do espetáculo, mas a militância não é apenas um lugar onde aguentar por ter a consciência tranquila. Não estamos nisso apenas por achá-lo eticamente correto, mas porque queremos vencer. E para isso não abunda com estar, mas com avançar. O acomodamento pode acontecer facilmente, rotina, repetição, e talvez alguma falta de humildade, para repensar perguntas que achamos respondidas. Atomizou-se a identidade de classe. Varrem-se as trincheiras. Não podemos obviar as mudanças de contexto se queremos intervir."



Autor: Assembleia da Mocidade Independentista

## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**N**ito Neira trabalha numa residência da terceira idade perto da cidade de Lugo. Mora com o seu gato Selim num pequeno piso cheio de humidades. Quando tem tempo, escreve algum relato fantástico para se esquecer delas.



### A PORTA (I)

Era de chumbo o outono na periferia da pequena capital. O orvalho caía devagar e sem ansia nengumha, em nugalhás cortinas de quase brétema. Porém, a preguiça não era património exclusivo da meteorologia: Ela tratava de se concentrar no estudo das últimas matérias da carreira. Entre o estrabismo e a lipotimia, a vista ia-se-lhe desfocando: que sentido tinha estudar o que iria esquecer tão pronto saísse do exame? Que trabalho havia neste mundo para mais uma filóloga? Pagava realmente a pena? Anémicas e esvaídas, a vocação vital e a saída profissional competiam esterilmente no seu magim polo papel de leve certeza à que se aferrar para completar a tarefa. Na altura, tanto as motivações de qualquer género como a estudante mesma estavam a atravessar um deserto de fraqueza. E foi assim como, a um tempo e simultaneamente, estudante e motivações entregárom o seu corpo à gravidade e caírom no desmaio. Para além dela, na casa não havia ninguém. O golpe de testa contra o manual de gramática histórica só foi ouvido po-



las paredes do seu quarto. A janela, que contemplava silente o gris outono, deixava ver os adosados iguais e indiferentes, as ringleiras de eucaliptos e a ferrugem dos guindastes.

Acordou dali a um tempo indeterminado. Nas páginas do livro aberto, que falavam da passagem do latim vulgar para o romance lá polo alto medioevo, havia um pequeno círculo de suor sanguinolento. Em erguendo a cabeça, não foi estranheza nem preocupação o que lhe veu à mente: Ela –que assim é como

se chamava- estava, dalgumha maneira, embriagada: possuía-a uma prázida turbação do estado de consciência, fazendo-se-lhe possível o desfrute de cada segundo no seu padal, derretendo-o lentamente como um bombom para experimentar logo depois a intensidade do licor das cores e dos sons. O estudo tornara-se por completo irrelevante: o mundo exterior chamava. Tranquila mas forte, uma sorte de pulsom magnética arrastava-a cara algures. Uma suave arroutada indicava-lhe, insistente,

uma direção: o caminho do desconhecido fazia-se-lhe palpável, e resultava-lhe absoluta a necessidade de se dirigir a não sabia onde.

Baixou para a garagem e meteu-se no carro com a intenção de abandonar o urticante extrarrádio de cimento onde medravam os letreiros das promotoras urbanísticas. O momento fazia-a dona dumha ligeireza sonámbula e dum prazer estranho. Conduziu durante duas horas caminho do nordeste. Ao longe, alviscou o Pico Sacro como o seio agudo dumha mulher magra. Por trás do cristal, iam-se sucedendo as greias de vacas atónitas de grandes olhos abertos, frisonas e ruivas; os grupos de corvos como concílios de oficiais do obscuro e, ao longe na altura, os alvares moinhos carentes de moenda.

Mudada a paisagem e a flora, governado o país polas campeiras cujas lindes som planas lousas verticais, separou-se da estrada asfaltada e virou à direita. A pista da parcelária era lamacenta, salpicada de croios aqui e acolá, entre pucharca e pucharca. Ao cabo dum quilómetro pouco mais ou menos, Ela atirou do freio de mão. E baixou.



## LÍNGUA NACIONAL

# Uma história de sobrevivência

Isabel Rei Samartim

*In vino, veritas*

**E**ra meu avô mas poderia ser qualquer uma de nós, se fôssemos arrieir@s e tivéssemos ido ao Ribeiro dias antes da estourada franquista. Teríamos montado no Quibém de Codesseda, pequeno autocarro alugado para levar as nossas pipas, que por causa do número e a dificuldade dos tempos não poderiam ir de comboio como de costume. E teríamos enfiado para Riba d'Ávia desde Compostela na intenção de voltar provist@s dos caldos finalmente escolhidos nas adegas da comarca.

Depois de provar os vinhos todos, decidir e pagar, teríamos carregado a mercadoria no autocarro com os nossos próprios braços e estaríamos suando de calor quando retomássemos o caminho no

dia 18 de julho de 1936.

E era meu avô mas poderia ser qualquer uma de nós, se ao sairmos de Riba d'Ávia bem avisad@s da complicação dos caminhos, ao pouco de começar o retorno tivéssemos de parar por causa duma companhia de falangistas que cortavam a via levantando a mão rija, como querendo medir uma altura mais alta que a sua. E foi meu avô mas poderia ter sido qualquer uma de nós e mais o condutor quem levantássemos rijamente a nossa mão à maneira dos acenadores.

Em deixando atrás o perigo teríamos avançado adentro nas terras, de oriente a ocidente, quando minutos depois nos veríamos abordad@s por outro grupo que, em levantando o punho fechado, instariam a parar o autocarro e pedir contas e presença. E também levantaríamos o punho pensando nas pipas e nas famílias que aguardavam no poente.



E em retomando a viagem, bocado mais tarde topariamos com uma nova companhia de mãos rijas mais altas do que as cabeças e novamente teríamos estendido a nossa mão. E, quilómetros depois, mais outro grupo de punhos e te-

ríamos igualmente fechado o nosso com tanta força quanto o esforçado motor do Quibém.

Assim por diante a trevoenta jornada até arribarmos ao fielato da Ponte Veia, e depois Compostela e finalmente em casa, feita já

a noite, onde entre afagos e suspiros de alívio os familiares corpos nos receberiam, temerosos das notícias radiofónicas e os feros ventos chegados da vila.

E era meu avô mas poderia ser qualquer uma de nós, que em revoltos tempos, escorrendo perigos a fio, houvésemos de salvar o vinho e a vida do trans-tornado mundo de golpistas e republicas espanholas.

Por isso, hoje também nós entre pipas de Ribeiro e braços em alto, esquivando a chuva de maquilhagens e carautas, saqueios, roubos, fraudes, abusos, prevaricações e torturas, mesmo podendo ser meu avô ou qualquer uma avó protagonista duma história de sobrevivência, dá esperança o saber que enquanto uns estabelecem condições impossíveis para a vida, outr@s conseguimos, por cima de todos os regimes, continuar com as nossas vidas.

## CINEMA

# "Jet Lag: a ficção latente"

Xurxo González

**N**o texto das convocatórias das "ajudas de talento" da AGADIC, ainda permanecem as máximas estéticas orientadoras para apresentar os projetos. Umha delas fala da alteração dos códigos estabelecidos, outra de potenciar a subjetividade do realizador, e a terceira de ter capacidade de se nutrir da improvisação. Concretamente, esta última dizia: "Que apostem no processo de rodagem-gravação como método de encontrar umha história, para captar umha experiência reveladora que teria sido impossível prever literariamente ou preparar dramaticamente, ou para criar um universo próprio comunicável". *Jet Lag*, de Eloy D. Serén, é a cristalização suma de como o azar da rodagem pode reconduzir um projeto.

A ideia originária era explorar as contingências que envolvem um empregado dumha estação de serviço no turno de noite. O germe da proposta vinha sendo mais um elo de certo documentário contemplativo ao redor do

mundo do trabalho. A intenção era recriar-se na dilatação do tempo de ações esporádicas. E assim transcorre a primeira parte do filme. Quase nem acontece nada salvo ações rotineiras da dis-



tinta fauna que se achega ao espaço dumha estação de serviço: camions, camionistas, distribuidores, automóveis... Umha espécie de estudada coreografia noturna esplendidamente filmada. Um ritmo da realidade lento com imagens demoradas, quase sonolentas. Umha rotina alterada por umha cheia de luzes, néons, cintileios, sombras... Mas ninguém pode confiar na realidade, nunca

sabes onde e quando te vai surpreender.

O filme está dividido em várias "noites" que funcionam como capítulos. Na metade das mesmas há umha rutura no relato, a equi-

pa enuncia-se; primeiro a produtora, Beli Martínez, e depois o realizador, Eloy D. Serén. Teoricamente, esta manifestação vem demonstrar a impossibilidade de manter o plano original. Mas isto só é o aperitivo para um giro totalmente inesperado em que as imagens se empapam da ficção latente na realidade. Com material de câmaras de vigilância informa-se dum assalto e, poste-

riormente, com as conversas do protagonista, equipa, clientes e polícia configura-se umha atmosfera de tensão e suspense de que já gostaríamos filmes de género mais preconcebidos. Toda a realidade torna-se altamente sugestionada pola nom-presença do famoso delincente alcumado de "Cancelinhas".

*Jet Lag* é um filme nítido e transparente em que se podem ver as formações do artifício. Começa com o documentário acusando a sua bastardia, aquilo que dizia Santos Zunzunegui de que "todo documental ficcionaliza a realidade existente". Posteriormente, toda a encenação desenvolve-se porque os seus responsáveis sabem que nom som capazes de manter a mentira porque serão atropelados por umha história com maiores dimensões ficcionais. *Jet Lag* erige-se como a ilustração do famoso corolário *nietzschiano*: "a pouca realidade que tem a realidade".

O filme de Eloy D. Serén move-se a vários níveis em que dialoga com a modernidade mais absoluta. Vemos como *Jet Lag* assume a sua componente processual que se enxerga dos pressupostos artísticos das décadas de 1960 e 1970. Sabemos que as ex-

periências cinematográficas atuais agrupadas no que se dá em chamar nom-ficção som propensas a mostrar a estada. As limitações de recursos materiais provocaram uma mudança de modelo cinematográfico em que se mostra a impossibilidade de atingir os grandes relatos. Tudo é escorregadio, tudo se move, as mudanças e a eventualidade estão mui presentes. Os filmes rematam contorcidos e imperfeitos.

Como dixo Adorno, "as obras de arte nom som ser, mas devir". Umha dimensão processual que reivindica umha consciência artística nascida à luz da cinefilia que impulsiona estes projetos. Um deambular pelas encruzilhadas da criação que sugestionam fortemente o espetador. A arte sempre muda e tem história. As práticas cinematográficas feitas na Galiza nos últimos anos sintonizaram atinadamente com o seu frágil contexto e, também, com a elevada indefinição da disciplina. Toda esta instabilidade fica refletida nas imagens, potenciando, mais se calhar, a sua marca processual e, portanto, converte *Jet Lag* num argumento sobresaliente para alentar o debate moderno.